

# ESTUDANTES INDÍGENAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ E A EXPERIÊNCIA DE APLICAÇÃO DO PROJETO GEPI WEB 2.0

Profª Drª Eneida Corrêa Assis Universidade Federal do  
Pará - UFPA. PPGCS

Profª Drª Denise Machado Cardoso Universidade Federal  
do Pará - UFPA. PPGCS

Leonardo Vitor Pereira Macedo Graduando em Ciências  
Sociais com ênfase em Antropologia da UFPA

Michel Ribeiro de Melo e Silva  
Graduando em Ciências Sociais com ênfase em  
Antropologia da UFPA

**RESUMO :** O Projeto de Extensão Universitária “GEPI Web 2.0” é uma iniciativa de estudantes e pesquisadoras vinculados ao Grupo de Estudos sobre Populações Indígenas da Universidade Federal do Pará - UFPA - e apresenta uma proposta inovadora na prática extensionista da UFPA, pois objetiva levar aos estudantes indígenas dessa universidade os conhecimentos básicos para que possam ter acesso à internet. O GEPI Web 2.0 visa à contribuição nos estudos dos universitários indígenas através do acesso à rede mundial de computadores. Durante sua realização os estudantes e docentes vinculados ao projeto se defrontaram com problemas que acabaram por dificultar a realização plena devido a vários fatores diversos, dos quais se destacam: a grande diferença cultural entre as pessoas envolvidas no projeto, as questões de adaptação de discentes universitários indígenas ao meio urbano da Região Metropolitana de Belém e a própria inexperiência da UFPA diante das demandas de seus discentes indígenas. Mediante às dificuldades para a realização do projeto, verificou-se ser adequada a readaptação do mesmo, especificamente seu local e público alvo, e diante disso, a equipe se deslocou para uma aldeia indígena que oferecesse menos dificuldades de acesso e infraestrutura de Tecnologias de Informação e Comunicação - TICs, para a realização das oficinas previstas no conteúdo do projeto. Desse modo, Este artigo tem por objetivo apresentar este projeto, analisar suas estratégias metodológicas, seus desafios, percalços e as reflexões que dele surgiram.

**PALAVRAS-CHAVE :** inclusão digital, Tembé, netnografia

## Um Breve Histórico

O GEPI - Grupo de Estudos sobre Populações Indígenas - tem por propósito realizar estudos sobre os povos indígenas do Estado do Pará, assim como, propor ações que beneficiem os povos estudados. Dentre os temas estudados pelo grupo, está a educação, cujo estudo está sendo desenvolvido através do Projeto Observatório de Educação Escolar Indígena. Em um dos eventos realizados, o “Seminário de Pesquisa do Observatório da Educação Escolar Indígena dos Territórios Etnoeducacionais Amazônicos”, participaram universitários indígenas que em suas falas expressaram a necessidade de ganho de autonomia quanto à habilidade de uso de tecnologias informacionais. E em um outro evento, com uma Roda de Conversa sobre Tecnologias Informacionais durante o evento “Maraí Antropológico” (realizado em Abril de 2011) gerou a articulação entre o Observatório de Educação Escolar Indígena dos Territórios Etnoeducacionais Amazônicos e alunos da graduação que possuíam o interesse de realizar uma ação voltada para

esses estudantes. E em seguida assim, surgiu dentro deste contexto o projeto de extensão universitária GEPI Web 2.0.

Mas primeiramente vamos aqui explicar as fundamentações que embasaram a fundamentação deste projeto. A internet em seus primórdios de existência consistia em uma simples estrutura de comunicação interligando computadores de algumas universidades estadunidenses e que evoluiu em passos largos com o provimento de servidores que ofereciam conexões residenciais, mas o que nos é mais importante aqui compreender, é que em algum momento deste processo de desenvolvimento (em sua grande parte de desenvolvimento técnico) as estruturas de comunicação existentes na internet assumiram uma complexidade maior e diferente em um aspecto determinante para paradigmas de comunicação (CASTELLS, 2003). Agora, através de blogs, redes sociais *online* e diversas outras formas de interação *online* os indivíduos enquanto usuários destes serviços são os autores do conteúdo disseminado e uma rede de comunicação descentralizada, totalmente aberta e com um alcance imensurável, muito diferente das mídias não globalizadas *offline*. O termo Web 2.0 foi cunhado primeiramente por Tim O'Reilly<sup>1</sup> em 2006, mas o importante é compreendermos que dentro desta lógica de comunicação das redes digitais existem inúmeros suportes e plataformas com aplicativos desenvolvidos que aproveitam os efeitos da rede para se tornarem melhores quanto mais são usados pelas pessoas, aproveitando a inteligência virtual e coletiva. A internet, assim se tornou um espaço profícuo para colaboração e plataformas tecnológicas que tenham suporte para sustentar relações entre os quais delas compartilham experiências de comunicação cada vez mais elaboradas e avançadas (LÉVI, 1999). Com base nesta ideia então o projeto foi idealizado com o foco em oficinas que permitam, neste contexto, aos estudantes indígenas da UFPA, melhor uso das tecnologias informacionais no cotidiano universitário, através de aulas e treinamentos sobre esses recursos tecnológicos que permitam não só que estes alunos saibam manusear estas ferramentas, mas que através destas novas habilidades possam retornar às suas aldeias e terras indígenas com conhecimento para colaborativamente melhorar com o cotidiano em que se encontram. O trabalho de conclusão de curso do ex-aluno do GEPI, Alexandre da Silva Dias, foi muito importante em demonstrar o poder de transformação social que a internet e as ferramentas da web 2.0 podem trazer aos povos indígenas e em seu trabalho fazia uma pesquisa exploratória sobre o tema e demonstrava como é importante este tipo de ensino e esta oportunidade de transformação social para os indígenas.

O domínio dessas tecnologias favorece a autonomia destes estudantes no desempenho das atividades escolares exigidas na universidade, colocando-os em condições equitativas e qualitativas em relação aos estudantes não-indígenas que já tem uma experiência maior nesses meios de comunicação. O ganho dessa habilidade favorece o intercâmbio dos conhecimentos adquiridos, permitindo a vivência digital com a sua comunidade, ou seja, a transmissão desse aprendizado. Na própria UFPA este projeto é inovador, mas até o momento da publicação deste artigo não temos o conhecimento de outro projeto de extensão universitária quem tenha em vista este objetivo de apresentar as ferramentas sociais da internet para universitários indígenas neste contexto<sup>2</sup>. Em termos imediatos, o significado e aprendizado de que as redes sociais e outras plataformas de inclusão digital oferecem formas válidas de conhecimento e informação, e de que podem construir um nodo de informações necessárias para o estabelecimento de uma rede de tecnologia social (UGARTE, 2008), onde estão em abundância blogosferas, nuvens, fóruns virtuais, vlog's, fotolog's, twitter's, etc., inclusive entre os estudantes universitários indígenas, comendo para a comunidade acadêmica a demonstração de sua identidade cultural compartilhada na internet. Em médio prazo, a possibilidade de expansão desse trabalho com suas comunidades de

---

<sup>1</sup> Tim O'Reilly é o fundador da empresa de consultoria O'Reilly Media e a ele é atribuída a criação do termo "Web 2.0"

<sup>2</sup> Existe outro projeto de extensão na UFPA também com trabalho com indígenas (o projeto "Inclusão digital para estudantes Indígenas da comunidade parkatêjé"), mas este tem o foco na produção de textos com o uso de softwares editores de texto e não esta noção mais ampla de inclusão digital com a qual trabalhamos.

origem e assim os resultados deste projeto são importantíssimos e de um impacto social imensurável.

As oficinas então eram ministradas por três alunos de Ciências Sociais pertencentes ao GEPI que intentam desenvolver seus trabalhos de conclusão de curso na linha de Educação e Tecnologias de Informação com grupos em condição de vulnerabilidade e o desenvolvimento destas atividades baseadas no conhecimento de cibercultura e na prática de produção de conhecimento que a web 2.0 disponibiliza, possibilitando aos estudantes universitários indígenas as possibilidades de conhecer, aprender os símbolos, signos, (ciber)espaços e saberes que a rede proporciona. Por estas redes digitais serem plataformas de interatividade e de conhecimentos (LÉVI, 1998) que podem mover as estruturas de poder a favor da defesa da identidade étnica e de sua comunidade entendemos a elaboração deste projeto seria uma importante iniciativa para melhorar a condição de permanência dos alunos indígenas na UFPA.

Apresentar aos universitários indígenas, novas formas de comunicação, interatividade, reconhecimento e aprendizado de símbolos, culturas e formas de organização sociopolítica e cultural própria da inteligência coletiva, a fim de dinamizar as ferramentas e linguagens da web 2.0, possibilitando também aos alunos-instrutores a experiência da docência e da prestação de serviços.

### **O Caso do GEPI Web 2.0**

O projeto GEPI Web 2.0 foi aprovado no ano de 2011 pelo edital Navega Saberes da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Pará aberto no mês de maio deste ano. Neste ano, em levantamento feito durante a realização do projeto a UFPA tinha 23 (vinte e três) alunos indígenas, sendo que 14 (quatorze) se dispuseram a participar das oficinas realizadas no Laboratório de Mídias Digitais da Pós-Graduação em Ciências Sociais.

O objetivo como descrito no formulário de inscrição do projeto é: “Apresentar aos universitários indígenas, novas formas de comunicação, interatividade, reconhecimento e aprendizado de símbolos, culturas e formas de organização sociopolítica e cultural própria da inteligência coletiva, a fim de dinamizar as ferramentas e linguagens da web 2.0, possibilitando também aos alunos-instrutores a experiência da docência e da prestação de serviços.” Mas muito além dos objetivos que motivaram a realização deste projeto dentro da UFPA e dos referenciais teóricos que ofereceram suporte para a elaboração do material didático e estruturação das oficinas, é importante reconhecer e então discutir os percalços pelos quais sua efetivação passou. Os estudantes facilitadores que realizaram as oficinas com os alunos indígenas sentiram dificuldades em estabelecer uma relação de aproximação com os indígenas. O que caracterizou essa problemática? Existem vários fatores que são determinantes neste fato.

Acreditamos que pela situação de permanência dos indígenas universitários nos campi da UFPA, sendo que grande parte deles têm residência fixa no interior; a normatização de horários dentro de um contexto acadêmico que estabelece um contraponto a perspectiva temporal desses estudantes e por fim por todos estes fatores que conjuntamente constituem em um grande choque cultural entre os alunos universitários indígenas, oriundos do processo seletivo especial. Além dos problemas estruturais, relacionados ao processo de integração desses estudantes, no que tange a vivência acadêmica universitária, compreende-se que o contexto onde se expressam as ações afirmativas - sejam elas através de políticas públicas especificamente trabalhadas na área da inclusão digital - sendo estas aplicadas a indígenas, possuem falta de atributos relativos a questão da percepção de valorização cultural principalmente em relação a experiência de estudos sobre a compreensão da vivência educacional. Durante a realização das oficinas, tivemos um número máximo de 4 (quatro) alunos assistindo as oficinas, simultaneamente, e percebemos uma grande evasão destes alunos da universidade, em grande parte, graças à combinação dos fatores supra citados. O objetivo principal deste projeto era o de levar a esses alunos as informações básicas de

como acessar a internet e de que maneira as formas de comunicação e acesso à informação, típicas da Web 2.0, podem colaborar com seus estudos dentro da universidade e concomitantemente dar ferramentas de transformação social a estes indivíduos.

Mesmo com a dificuldade de organizar as oficinas, em várias participações em palestras e apresentações dos bolsistas, podemos analisar que para estes alunos universitários este conhecimento é imprescindível, mas apresenta-se ainda de uma forma distante e desvinculada da sua realidade cotidiana, como a experiência universitária como um todo. E assim podemos ainda inferir que estas oficinas se realizadas diretamente nas comunidades indígenas, mesmo com um cronograma e metodologias educacionais diferentes, teriam um resultado muito mais significativo, efetivamente em questão de qualidade e de abrangência.

Devido às dificuldades de aplicação do projeto, apenas uma (1) Aluna (Puyr Tembé, graduanda do curso de Direito) participou de um período de realização das oficinas e posteriormente abandonou as oficinas por problemas pessoais. Outros alunos demonstraram interesse em participar das atividades mas não compareciam aos dias marcados para as oficinas e reuniões e assim impossibilitaram a viabilização do projeto como ele foi inicialmente idealizado. Para tanto a equipe de coordenação do projeto enviou em dois momentos para a Terra Indígena Alto Rio Guamá para duas assembleias de lideranças indígenas do povo Tembé para estudar os motivos dessa não permanência (ou dificuldade de permanência) na universidade e tentar contornar este problema com formas melhores.

Estas viagens às aldeias da Terra Indígena Alto Rio Guamá foram feitas com o intuito de fazer um diagnóstico de quais empecilhos e dificuldades estão postos nessa inclusão e entrada dos indígenas enquanto universitários e quais são as dificuldades identificadas pelos próprios indígenas neste processo. Então foram acompanhadas duas Assembleias das Aldeias do Povo Tembé do Alto Rio Guamá (com a presença de média 60 pessoas em cada realizadas na Aldeia Sede e na Aldeia São Pedro, aproximadamente a 15 km do município de Capitão Poço) em que estava em pauta a questão da educação indígena e dos alunos universitários indígenas e a questão da falta de estrutura organizacional da Universidade Federal do Pará foi destacada, assim como o acompanhamento dado aos alunos universitários indígenas foi considerado não suficiente. E assim compreendemos que a aplicabilidade deste projeto de realização de oficinas de inclusão digital não é apropriado para aplicação neste contexto dentro do Campus da UFPA em Belém, pois as dificuldades de permanência dos alunos na cidade acaba por inviabilizar este modelo de projeto que teve que ser realocado em parte para aldeias que tenham infraestrutura mínima necessária, ou tocado a frente em forma de tutorias individualizadas para cada aluno especificamente.

Na viagem à Aldeia Sede, em entrevista com a professora indígena Lourdes Tembé e a sua auxiliar pedagógica na escola Geane Tembé, conversamos sobre as dificuldades dos seus alunos quanto a questão da inclusão digital e nos foi relatado que na aldeia em que moram e trabalham inclusive existem computadores disponíveis para os alunos, mas não existe ninguém capacitado a lhes dar aulas sobre o manuseio destes computadores, que acabaram por ser guardados. E ambas relataram que os alunos que chegam a fazer o processo seletivo especial para adentrar na UFPA já saem em desvantagem pois mesmo sendo aprovados não saberão utilizar computadores e internet para realizar pesquisas, acessar informações úteis e manter seu estudo equiparado a um padrão razoável de aprendizado. É necessário que esse acesso ao meio digital seja antecipado e que o uso de computadores e da internet não seja desnaturalizado do cotidiano desses alunos.

Fazendo uma análise de todos estes fatos anteriormente apresentados, devemos compreender estes fatores que dificultam a permanência dos alunos universitários indígenas nos ambientes universitários e o choque cultural constantemente presente no cotidiano deste aluno que está deslocado de seu ambiente e tem de readaptar-se a um novo ambiente que não está preparado para recebê-lo, pois esta é a questão central da educação superior indígena e todos os trabalhos que nela estão envolvidos. Estes indígenas que ingressam na UFPA como alunos universitários já têm

um déficit imediato na falta de habilidade para usar o computador e as ferramentas digitais que o acompanham e dentro da universidade isso é cobrado constantemente. Eles ingressam na universidade através de um processo seletivo especial, mas o acompanhamento posterior ao seu ingresso não é dado com o cuidado necessário, já que podemos perceber durante a realização deste projeto que a evasão destes alunos é grande.

### **“A vivência digital”: um estudo sobre a experiência digital de grupos indígenas na UFPA<sup>3</sup>.**

A motivação em realizar a seguinte pesquisa (que foi realizada juntamente com a elaboração do projeto de extensão) se faz das experiências adquiridas pelos resultados preliminares do projeto GEPI Web 2.0. Após a avaliação dos resultados a cerca do envolvimento perante as praticas desenvolvidas com os alunos aplica-se um estudo sobre o processo de interação formal e informal dos grupos indígenas universitários que adentraram a Universidade Federal do Pará no período entre 2010 e 2011. O trabalho se define como uma “Netnografia” (Kozinets, 1997 e 1998) a cerca das utilizações de plataformas virtuais como sites, blog’s, fóruns e redes virtuais a fim de compreender de que forma os estudantes indígenas interagem com a cibercultura e com os símbolos e ferramentas necessárias para as aplicações dos mecanismos socioculturais que a web 2.0 disponibiliza e assim, como essas ferramentas e linguagens (RECUERO, 2005) constituem o que podemos entender como sua “vivência digital”.

A pesquisa primeiramente parte de um recorte sobre a temática da inclusão digital desenvolvendo à na análise do interacionismo simbólico (BLUMER, 1962 e 1982) afim de estabelecer uma compreensão sobre a utilização dos símbolos e significados que oriunda as relações sociais sobre o tema, assim como na Antropologia simbólica (GEERTZ, 1973) que se utiliza para analisar o contexto sociocultural onde das praticas e ações afirmativas que interpretam a inclusão social/digital, interagem com os indivíduos atingidos. Após as análises, partimos para a concepção filosófica de vivencia segundo Dilthey (AMARAL, 2004), como fenômeno baseado nas experiências de conhecimento e atribuição de valores e fins as interações dos grupos na construção da realidade. Assim, trazemos a proposta do termo “Vivência digital” como a somatória das experiências sociais que inspiram as interações simbólicas entre grupos culturais e que dialogam, através da “memória social digital” com as estruturas formais de aprendizagem. Assim, desenvolvendo esse termo podemos trabalhá-lo dentro a uma localidade como a Universidade Federal do Pará, focando-o a principio no contexto da inserção de grupos indígenas. Através da APYEUFPA (Associação dos Povos Indígenas Estudantes da UFPA) onde observamos interesse em organizar os estudantes indígenas, demonstraram o auxilio a pesquisa como meio de compreender os ritos, simbolos e interpretações de sua própria vivência como universitários, para que futuramente possam demonstrar através desse protagonismo uma proposta política mais eficiente (ciberativismo) frente as ações afirmativas atuais.

O interesse em desenvolver o estudo se estabelece no âmbito em que as politicas educacionais que se direcionam a povos indígenas nesse caso, dentro do contexto da assistência estudantil universitária, estão em fase de implementação/adaptação ao reflexo de seus resultados, fazendo com que as praticas estabelecidas pelos projetos desenvolvam novas possibilidades de aplicações, como foi no caso, do projeto GEPI Web 2.0. Assim sendo, a pesquisa se faz importante pela observação do contexto onde estão inseridos os estudantes indígenas que precisam interagir com uma cultura academica nesse caso, com a utilização da Web 2.0 e de seus periféricos, levando essa experiência para além dos muros da Universidade.

### **Considerações Finais**

---

<sup>3</sup> Pesquisa iniciada em 2011 por Leonardo Vitor Pereira Macêdo, membro do Grupo de Estudos sobre Populações Indígenas - GEPI UFPA, linha de pesquisa: GEPI WEB 2.0. Graduando em Ciências Sociais com ênfase em Antropologia UFPA.

Mediante a realização deste projeto chegamos à conclusão que este projeto se fez inviável não por incapacidade de sua equipe, mas sim por um contexto sócio-cultural que se apresenta complexo e que ainda não foi analisado suficientemente para surgirem formas de solucionar os problemas enfrentados por sua equipe. Os modelos existentes na UFPA, aplicáveis em formas de políticas de intervenção e metodologias de ensino que compensem a deficiência de aprendizado em que hoje se encontra a vida do aluno universitário indígena não supre totalmente as necessidades com as quais este público se defronta. Para tal a equipe técnica e de bolsistas responsável pela realização deste projeto tentou com duas incursões a campo diagnosticar estes elementos e julga que na atual conjuntura da universidade, este projeto não teria possibilidades de ser realizado de forma satisfatória e assim seria melhor investir em educação indígena antes de este aluno adentrar na universidade e para a inclusão digital antes que estes alunos venham para o meio urbano e universitário. Seria melhor suprir a demanda antes que ela se faça urgente. Os resultados deste primeiro período de aplicação deste projeto são também compostos por este conjunto de reflexões aqui expostas que servem para a readequação do projeto em um novo formato e também para novas medidas que possam ser tomadas para remediar estas mazelas na qualidade do ensino superior público oferecido a alunos indígenas.

As habilidades de se navegar pela internet e saber buscar dentro de suas teias de comunicação as informações necessárias são de valor incalculável, e a possibilidade de registrar e divulgar seus modos de vida, cosmologias e culturas através dos registros digitais em blogs, textos, vídeos e imagens possui um outro valor inestimável. E é este o objetivo que esta equipe quis realizar, e com a continuidade dos trabalhos de pesquisa e continuando com as oficinas e uma nova fase deste projeto.

Assim compreendemos que este projeto, ainda com os percalços experienciados em sua aplicação, é importante pois serve também a identificar estes problemas dentro da UFPA para a recepção de alunos indígenas selecionados em vestibular específico e apresentar uma proposta de seleção mais viável do que o trabalho com os alunos quando já chegam a universidade em um ambiente em que não conseguem apresentar um rendimento e comparecimento para as atividades previstas neste projeto.

Assim como a inclusão dos universitários indígenas é urgente para a melhoria da qualidade e da expansão do sistema educacional brasileiro e a educação superior é importantíssimo que sejam pensados também projetos como esse que tragam à inclusão digital aos povos indígenas de uma forma que os conhecimentos das TIC's (Tecnologias de Informação e Comunicação) tragam também ferramentas de transformação da realidade em que vivem e assim teremos mais um inestimável valor adicionado a qualidade da educação indígena na Amazônia e Brasil.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Maria Nazaré de Camargo Pacheco (2004). *Dilthey – “O conceito de vivência e as limitações da Ciências do espírito”* Trans/Form/Ação, São Paulo, 27(2): 51-73, 2004
- BLUMER, Herbert. (1962). *El Interaccionismo simbólico, perspectiva y método*. Barcelona Hora.
- CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da Internet - Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- DIAS, Alexandre da Silva. *Etnografia do Ciberespaço: Uma análise sobre a atuação dos movimentos sociais indígenas on-line*. Trabalho de Conclusão de Curso. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Pará, 2006
- GEERTZ, Clifford: *A interpretação das culturas*, Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989
- GEERTZ, Clifford. *O Saber Local: Novos Ensaio em Antropologia Interpretativa*. Vozes, 1997
- Kozinets, R (1997): *Want to Believe: A Nethnography of the 'X-Philes' Subculture of Consumption* RV Kozinets - Advances in Consumer Research.

- Kozinets, Robert V. (1998), "On Netnography: Initial Reflections on Consumer Research Investigations of Cyberculture," in *Advances in Consumer Research*, Volume 25, ed., Joseph LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 1998.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: 34, 1999.
- RECUERO, Raquel da Cunha - *Comunidades virtuais em redes sociais na internet: uma proposta de estudo*. [Emlinha]. "Ecompos", v. 4 (Dez. 2005).
- UGARTE, David - *O poder das redes: Manual ilustrado para pessoas, organizações e empresas chamadas a praticar o ciberativismo*. UFRGS 2008